

40 ANOS DO RIDEAU DE BRUXELLES*

Claude Etienne

Palais des Beaux-Arts de Bruxelles / 17 de março de 1983

O quadragésimo aniversário suscitará em muitos uma pergunta espantosa: “Íamos, enfim, ao teatro, em Bruxelas, em 1943?”

Sim, íamos, e era uma aventura. Tínhamos que sair de casa numa rua escura, na qual se podiam avistar apenas alguns reflexos azulados nas vidraças. Em seguida, tínhamos que esperar por longo tempo o bonde elétrico, que talvez não viesse jamais, caso as sirenes fossem ouvidas. E, depois, tentar conseguir um ingresso e, caso obtivéssemos sucesso contra todos esses obstáculos, havia ainda uma grande possibilidade de a sala não ser aquecida... Para se aquecer, a melhor solução era degustar, no botequim, uma xícara de malte, sempre denominado café, por tradição.

E se a peça fosse um pouco longa, a plateia, ao invés de cochilar ou bocejar, enervava-se, pois o toque de recolher era rigoroso, e perder o último bonde podia acarretar os piores aborrecimentos... Entretanto, houve uma trupe para representar A Matrona de Éfeso, e um público para aplaudi-la. Que aqueles que não creem na magia do teatro, meditem sobre esse exemplo.

Nem por isso deixava de ser necessária, em 1943, uma sólida dose de otimismo para se tomar tal iniciativa. Mas, sobretudo os criadores do Rideau não tinham, sem dúvida, nenhuma; e sim a percepção aguda do fato de que, sob a ocupação, não eram tanto as condições materiais da vida que eram difíceis de suportar, mas antes o sentimento de encarceramento coletivo, ou mesmo de asfixia. Ora, o teatro não representava uma fresta aberta para o mundo?

Pela escolha das peças, o Rideau prometia “aos prisioneiros” uma espécie de evasão, indo bem além do que ofereciam outros espetáculos, igualmente apreciados, é preciso dizer, mas que só constituíam um meio de esquecer o momento presente durante uma ou duas horas.

O Rideau permaneceu fiel a essa tradição na escolha das peças. Continuou a recusar o teatro “digestivo”. Não queremos maldizê-lo, pois tem seu papel a cumprir nos tempos difíceis. Mas, como em 1943, o mérito é muito maior quando se oferece outra coisa.

Depois de quarenta anos de fidelidade a essa tradição, quarenta anos também de trabalho consciencioso, recompensado por um persistente sucesso, o Rideau de Bruxelas entra em seu quinto decênio.

o Rideau porque ele nos permite continuar a acreditar na primavera.

A data ocorre num período de morosidade e inquietação. Isso implica que sua missão, como no momento de sua criação, resta fundamental como descoberta de um mundo diferente.

Eu gostaria, para concluir, de parafrasear Claude Étienne, que, numa entrevista recente, dizia repensar Molière, porque é o gênero de teatro que permite festejar o retorno da primavera. Nós festejamos o Rideau porque ele nos permite continuar a acreditar na primavera.

* O texto, sobre os quarenta anos da companhia teatral do Rideau de Bruxelles, homenageia o seu fundador e diretor por quase cinquenta anos, Claude Étienne, e relata os percalços da vida teatral durante a II Guerra Mundial, quando a Bélgica tinha sido ocupada pelos nazistas alemães. In: ETIENNE, Claude. **40 années du Rideau de Bruxelles**. Bruxelles: Palais des Beaux-Arts, 1983. [Tradução de Célia Gouvêa].